

Recessão mal administrada, diz técnico

Da sucursal de
BRASÍLIA

O professor do Departamento de Economia da Universidade de Brasília (UNB), Dércio Garcia Munhoz, disse ontem que "a recessão está mal administrada e o monetarismo em vigor acabará por provocar a retração da atividade produtiva também no próximo ano e em 1983". Segundo ele, a atual política econômica só teria sentido na primeira metade da década de 1970, quando surgiram os problemas criados pela crise do petróleo e o governo contava com dispositivos excepcionais para encobrir as inquietações sociais, o que não ocorre agora.

Garcia Munhoz observou que, para ganhar 10 a 15% na luta contra a inflação anual de 120%, as autoridades econômicas "estão desorganizando tudo, sem ter uma proposta clara e muito menos uma política econômica". Em sua opinião, as autoridades seguem apenas um modelo econômico ortodoxo e que já se esgotou, apenas para satisfazer os credores externos.

Para o professor da UNB, os assalariados já atingiram o limite do sacrifício e as autoridades econômicas não devem fugir da realidade para mudar o seu comportamento, com a consequente retomada da atividade produtiva, sob pena de levar a economia à recessão permanente. Como caminho para a correta reativação da economia, apontou a necessidade da reorientação setorial dos investimentos.

Mesmo com mais de cinco anos de atraso, Garcia Munhoz explicou que ainda há tempo para o redirecionamento da economia, como forma de evitar a exacerbão do processo inflacionário e, ao mesmo tempo, estimular a oferta de emprego, sem comprometer a abertura política. "O conjunto de medidas recessivas teria menor custo social, quando o mal estava sob controle, logo após a crise do petróleo de 1973. No momento, com inflação acima de 110% ao ano, cabe ao governo adotar uma recessão administrada para que os assalariados não sofram ainda mais" — observou o professor da UNB. Segundo ele, não se trata de dar ênfase a programas do tipo substituição de importações, mas, sim, aos de cunho social, dentro do princípio de que o mal maior é o desemprego aliado à inflação.